



*Mailson quer que a sociedade entenda a importância do acordo para o futuro do País*

## Mailson rebate com veemência críticas ao acordo da dívida

"Este acordo não é uma panacéia, nem é ele que vai fazer com que a economia cresça 6% em 1988. Em nenhum momento o governo declarou que ele é a vara de condão que vai resolver os nossos problemas. Ele ajuda bastante, mas não é tudo". Assim reagiu, ontem, o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a críticas feitas pelo ex-ministro da Fazenda, Luís Carlos Bresser Pereira, de que o dinheiro obtido pelo Brasil no acordo preliminar fechado no último sábado com os banqueiros internacionais privados (US\$ 5,8 bilhões de médio prazo e US\$ 600 milhões de curto prazo) é insuficiente para garantir o crescimento da economia em 6%, como estava previsto no Plano de Controle Macroeconômico, lançado pelo próprio Bresser em julho do ano passado.

Mailson da Nóbrega concedeu entrevista no Palácio do Planalto, logo depois de explicar detalhes do acordo firmado no sábado aos membros do Conselho de Desenvolvimento Econômico (CDE), convocado para esta finalidade pelo presidente José Sarney. A reunião não estava na agenda do Presidente, que a convocou às 13 horas para ter início duas horas depois. Iniciada às 15h20, ela durou precisamente uma hora.

### Baker telefonou

Conforme relatou o próprio ministro da Fazenda, importantes bancos e governos de países credores vêm, desde sábado, manifestando sua satisfação com o fechamento preliminar do acordo, por acharem que o País deu um passo importante para normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional, que pode acarretar repercussões positivas para o País. "Todos estão convencidos de que o Brasil pode e deve ter uma economia dinâmica, competitiva e crescendo, gerando empregos, ingredientes fundamentais para o próprio processo de preservação e consolidação da democracia em nosso País", informou.

Uma dessas manifestações chegou momentos antes do começo da reunião do CDE. Veio do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. "Ele me transmitiu a satisfação do governo americano e pediu que transmitisse ao presidente — e eu o fiz — a sua satisfação em ver o Brasil e os bancos credores chegando a um acordo depois de tanto tempo de tensões", relatou Mailson em sua conversa com Baker. E que agradeceu a ajuda americana para apressar o acordo. Ele disse que na conversa não se abordou o problema da ameaça de retaliações

americanas por causa da política brasileira de informática. Mas, segundo Mailson, o governo brasileiro está na expectativa da confirmação de informações veiculadas pela imprensa.

### Avanço

Mailson da Nóbrega não informou detalhes sobre manifestações dos membros do CDE que ouviram seu relato. No entanto, conforme informações colhidas no Palácio do Planalto, o presidente José Sarney abriu a reunião afirmando que o ministro da Fazenda tem seu "apoio incondicional para resolver os problemas da dívida". Durante a reunião, o Presidente afirmou, conforme estas informações, que "o acordo é um avanço significativo e muito importante para o Brasil. Reflete a confiança da comunidade econômica internacional no Brasil e no seu governo".

No mesmo tom se manifestou posteriormente o ministro. Para ele, "o acordo representa, no curto prazo, uma redução, ou eliminação significativa de incerteza sobre a economia nacional". Ao lembrar que "este acordo representará o primeiro aporte de recursos novos do sistema bancário internacional para o Brasil desde 1984", Nóbrega previu que ele terá "inegáveis efeitos sobre a economia doméstica, na medida em que, por exemplo, haverá um restabelecimento da confiança no País e, portanto, pode representar a reativação de negócios entre empresas brasileiras e seus parceiros no mercado internacional; a recuperação de linhas de crédito voluntárias que o sistema financeiro está oferecendo e colocando no Brasil e que haviam desaparecido logo após a moratória; e pode significar o passo necessário ao retorno do Brasil, proximamente, ao mercado voluntário de recursos".

### Mais endividamento

Mailson da Nóbrega disse que o Governo não espera unanimidade no apoio ao acordo, ou que todos os 559 parlamentares ou as dezenas de ex-ministros apoiem a medida. O que o Governo espera, segundo ele, é "que a maioria da sociedade brasileira entenda a importância desse acordo para o futuro do País".

No entanto, ele se disse surpreso com o fato de que "alguns economistas, teóricos da confrontação, críticos do endividamento, venham agora criticar o Governo porque ele não se endividou mais". Segundo ele, mais do que os US\$ 5,8 bilhões (contra US\$ 10,6 bilhões reivindicados por Bresser) "seria tranquilo para o balanço de pagamentos, mas representaria um endividamento desnecessário".